

Brasil quer entrar no Clube de Paris

País pede carteirinha de sócio na instituição que marcou os anos pitenta pelas renegociações da dívida externa

Como justificativa, Governo alega que emprestou US\$ 7 bilhões a 29 países da África, Ásia e América Latina

O governo brasileiro iniciou uma nova rodada de negociações com o Clube de Paris - mas não será para obter melhores condições de pagamento da sua dívida externa, como era costume nos anos 80. Desta vez, pediu ao seletivo grupo de credores uma carteirinha de sócio: além de tomar emprestado dos mais ricos, o Brasil também emprestou US\$ 7 bilhões a 29 países da África, da Ásia, da América Latina e da Europa do Leste.

Os empréstimos foram feitos nas décadas de 70 e 80, quando o Brasil, pressionado pelos credores para pagar sua dívida externa, fez um esforço para abrir novos mercados e alavancar suas exportações. O problema é que, na época, concedeu créditos aos importadores, sem avaliar o desempenho de suas economias e os riscos que corria. Agora que o governo brasileiro voltou a investir no setor exportador, ampliando suas linhas de financiamento, não quer cometer os mesmos erros do passado.

"Como sócios do Clube de Paris, o governo brasileiro pode sentar na mesa, do lado dos credores, e participar das reuniões de avaliação da qualidade das políticas econômicas adotadas pelos países devedores, saber se são ou não bons pagadores, e monitorar

os créditos concedidos, além de definir condições de pagamento", explicou o secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Marcos Caramuru.

Acesso

Segundo Caramuru, para o Brasil ter acesso a essas informações passou a ser fundamental, agora que o País acaba de criar seu Seguro de Crédito às Exportações. O funcionamento dessa companhia (integrada por seguradoras de bancos privados e estatais brasileiros e a Coface francesa) depende da sua capacidade de avaliação do risco em financiar operações comerciais - especialmente as de longo prazo, bancadas pelo governo.

Além da nova companhia seguradora, o governo está ampliando os programas de financiamento das exportações Proex, do Banco do Brasil, e Finamex, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O objetivo é atingir a meta do presidente Fernando Henrique Cardoso para o ano 2000: de dobrar as vendas ao exterior para US\$ 100 milhões. O orçamento do Proex, que este ano foi de US\$ 1,4 bilhão, será de US\$ 3 bilhões em 1999.

Apesar dessas linhas de financiamento serem concedidas prin-

cipalmente para empresas privadas, os governos também se beneficiam, quando contratam obras ou compram veículos. No Clube de Paris, são negociadas apenas as dívidas governamentais.

Segundo Caramuru, o Clube de Paris já autorizou a participação do Brasil em todas as suas reuniões, mas apenas como observador. O governo brasileiro só pediu sua adesão, como membro, agora que eliminou um empecilho legal. "Até duas semanas atrás não tínhamos a autorização do Congresso para reduzir as dívidas de nossos devedores", explicou o secretário. Mas uma nova lei acaba de alterar a situação.

Dívidas

O Clube de Paris tem duas fórmulas para a diminuição das dívidas: uma reduz o principal e a outra os juros. Segundo Caramuru, se fosse o caso, o Brasil optaria pelo segundo mecanismo. Entre os devedores do governo brasileiro estão: Polônia (mais de US\$ 3 bilhões), Angola (US\$ 970 milhões), Moçambique (US\$ 400 milhões), Perú (US\$ 150 milhões), Argentina (US\$ 140 milhões), Iraque e Suriname (cada qual com dívidas de US\$ 100 milhões), e Bolívia (US\$ 35 milhões).

Segundo Caramuru, como membro do Clube de Paris, o Brasil estaria em melhores condições de negociar com seus devedores. Atualmente alguns países, como a Nicarágua, pedem ao governo brasileiro condições melhores do que aquelas obtidas junto aos credores ricos. Mas, a principal vantagem, explicou, será realmente acompanhar de perto os programas de estabilização econômica de outros países, cujo sucesso poderá contribuir para abrir



Ruy Baron

CORTES: crescimento das exportações de manufaturados

novos mercados para seus produtos.

Há dois meses, o secretário de Comércio Exterior do Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo, Maurício Cortes, vem ressaltando o importante crescimento das exportações de manufaturados brasileiros para novos mercados. Neste mês, por exemplo, vendeu automóveis e autopeças para África do Sul, chassis com motor para Marrocos, aparelhos para telefonia para Malásia e China, tratores para Zimbábue e República Dominicana, engrena-

gens para Finlândia e Suécia e pisos e revestimentos cerâmicos para a Grã-Bretanha.

Nos primeiros cinco meses deste ano, em relação ao mesmo período de 1997, as exportações brasileiras para a Polónia - o principal devedor brasileiro - aumentaram 84%. E as vendas para a Romênia cresceram 142%. Mas esses dois países mudaram drasticamente suas economias, quando derrubaram os regimes comunistas, a partir do final da década passada. E o governo polonês é hoje considerado um bom pagador.